

FETEMS

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES EM
EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

FILIADA À CUT CNB

74 Sindicatos Municipais filiados

Uma publicação especial da Federação dos Trabalhadores em Educação
de Mato Grosso do Sul • FETEMS • Novembro | 2025

Aula da
Cidadania



CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

COMBATER O RACISMO E APRENDER A LUTAR POR RESPEITO E IGUALDADE

“Negro é a raiz da liberdade”, assim escreveram Adilson Barbado e Jorge Portela na música “Sorriso negro”, que ficou imortalizada na voz de Dona Ivone Lara. E é assim que fazemos ecoar nossas vozes em defesa da igualdade racial. Reafirmamos o nosso compromisso com a luta contra o racismo, a opressão e todas as formas de discriminação.

Chegou novembro, o Mês da Consciência Negra, tempo de reflexão, resistência e valorização das nossas origens. Com esta Aula da Cidadania, uma realização da FETEMS e dos seus sindicatos municipais filiados, queremos levar a cada sala de aula o diálogo, a história e o orgulho de uma ancestralidade que constrói o Brasil todos os dias e que, ainda hoje, segue em luta por direitos e pelo fim das desigualdades.

20 DE NOVEMBRO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

O dia 20 de novembro é o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, por marcar a morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. Zumbi foi um líder negro símbolo da resistência à escravidão e para valorizar a cultura afro-brasileira e combater o racismo e a discriminação.

Zumbi liderava o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, em Alagoas, a maior comunidade de resistência ao sistema escravagista da América Latina, que durou cerca de um século.

Os quilombos e os levantes, como a Revolta dos Malês (Bahia), comprovam que os negros não aceitaram passivamente a opressão.

Os quilombos dos tempos atuais

As comunidades remanescentes dos quilombos são chamadas atualmente de quilombolas. Em Mato Grosso do Sul, temos 22 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares e 18 comunidades com processos administrativos em andamento. Um levantamento do Censo de 2022 (IBGE) indicou que há população quilombola em 21 municípios do estado.



COMPROMISSO E LUTA PELA IGUALDADE RACIAL

A FETEMS apresenta Thiago Coelho como o novo Secretário de Combate ao Racismo. Professor efetivo de História, formado pela UFGD em 2013, Thiago atua desde 2014 na Rede Estadual de Educação e é lotado na Escola Professor José Pereira Lins, em Dourados/MS. Com uma trajetória marcada pela defesa da igualdade racial e da valorização da educação pública, foi Secretário da Diversidade e Combate ao Racismo do SIMTED Dourados (2018/2021) e, posteriormente, eleito presidente do sindicato, função para a qual foi reeleito. Agora, na FETEMS, reafirma seu compromisso com o enfrentamento ao racismo e com a construção de uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

Nossas raízes têm história, riqueza cultural, conhecimento:

ÁFRICA

O que você sabe sobre a África?

O que você sabe sobre os povos que de lá foram trazidos à força para o Brasil e para outros países das Américas e da Europa? Mesmo com o acesso à informação que o mundo digital nos possibilita e com os avanços na Educação, a África se mantém como um continente desconhecido. Esse silenciamento sobre a história africana é intencional e faz parte de uma visão de mundo e de um discurso que privilegiou os interesses dos colonizadores e seus sucessores, ou seja, a história é contada do ponto de vista dos vencedores, como já afirmou o filósofo Walter Benjamin.

As contribuições das diversas nações africanas, ao longo da história, para o desenvolvimento cultural, econômico, político, científico e tecnológico foram determinantes para a humanidade. A África é o berço da humanidade.

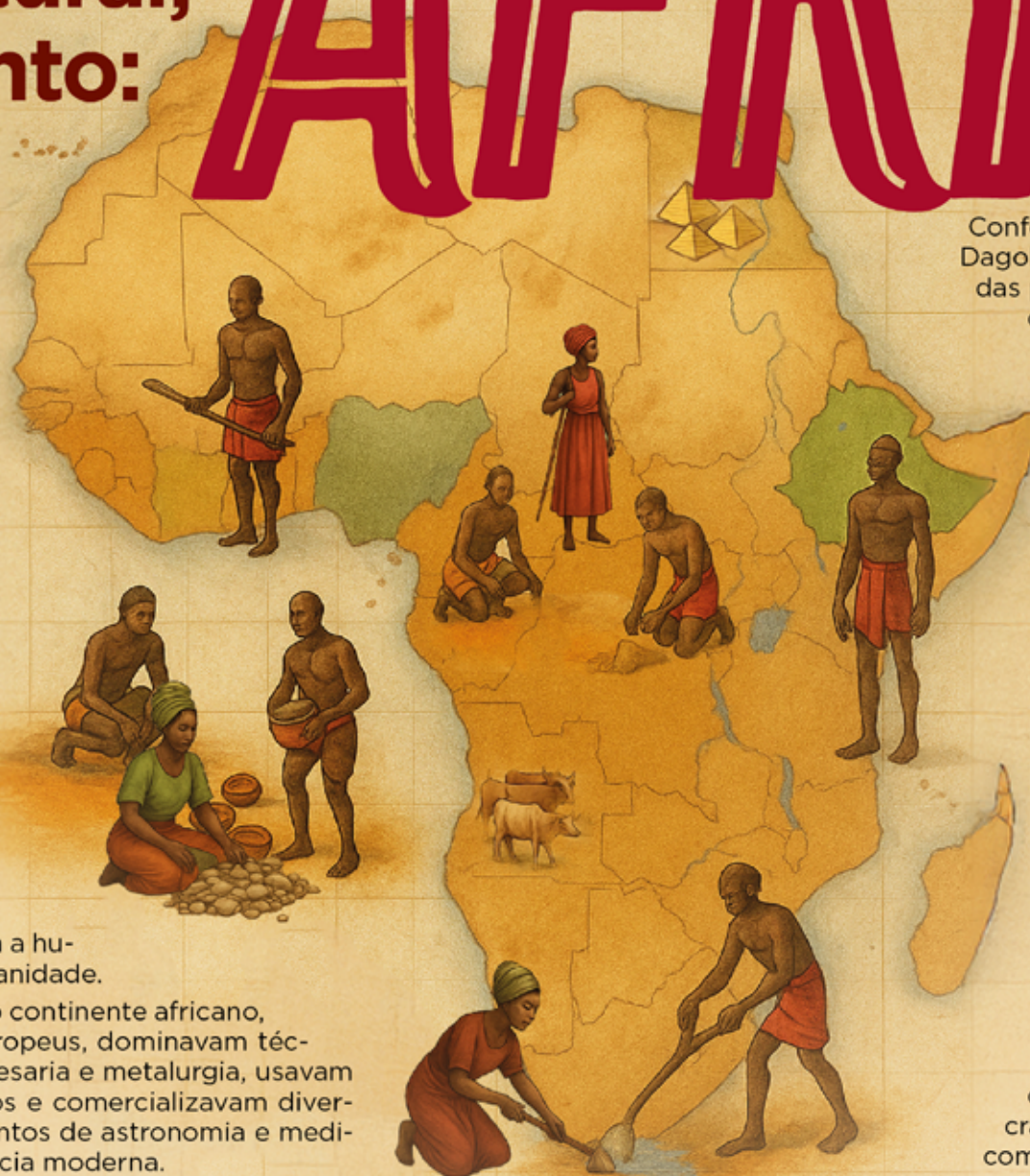
Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização pelos europeus, dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia, usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos e comercializavam diversos produtos. Eles tinham conhecimentos de astronomia e medicina que serviram de base para a ciência moderna.

Conforme relata o professor e cientista social Dagoberto José Fonseca no artigo “África: lugar das primeiras descobertas, invenções e instituições humanas”, a agricultura africana, no vale do rio Nilo, tem cerca de 18 mil anos, duas vezes mais antiga do que no Sudoeste asiático. A pecuária apareceu há 15 mil anos, perto da atual Nairóbi (Quênia), uma técnica sofisticada de domesticação de animais.

Esses são alguns fatos que demonstram a importância da África para a humanidade. Mas, com a chegada dos europeus ao continente africano, milhões de pessoas foram capturadas e vendidas como escravizadas. Foram arrancadas de suas famílias, suas terras e culturas para trabalhar de forma desumana nas colônias.

Mesmo diante da dor e da violência, essas pessoas, muito distantes de sua pátria, conseguiram preservar sua riqueza cultural, sabedoria e conhecimento. Com elas nasceram muitas das tradições e saberes que formam a cultura brasileira, além da construção das riquezas econômicas do país.

Por isso, lembrar dessas origens é reconhecer que o povo negro não veio da escravidão, mas de um continente grandioso, com tecnologia e conhecimento avançados.



Atividade 1

Pesquise e identifique, no mapa da África, as regiões de onde vieram os povos trazidos como escravizados para o Brasil.

Atividade 2

Dividir a sala em grupo para pesquisar a contribuição dos povos negros na história do Brasil. Cada grupo deverá apresentar o resultado da pesquisa em um formato livre e criativo, como:

- Mural temático ou exposição interativa;
- Linha do tempo ilustrada;
- Apresentação teatral ou musical;
- Podcast ou vídeo curto;
- Mostra gastronômica ou artística.

RACISMO ESTRUTURAL

Precisamos falar sobre isso

O racismo estrutural é um tipo de racismo que está presente nas estruturas da sociedade — economia, leis, instituições, escolas, oportunidades de trabalho e até nas formas como as pessoas são tratadas no dia a dia. Ele não é apenas uma atitude individual, mas algo construído ao longo da história, desde o tempo da escravidão.

Durante mais de 300 anos, pessoas negras foram escravizadas no Brasil. Mesmo depois da abolição, em 1888, elas não receberam terra, moradia, emprego nem educação. Enquanto isso, as pessoas brancas continuaram ocupando os melhores espaços e oportunidades, acumulando privilégios. Esse desequilíbrio histórico deixou marcas profundas que ainda hoje se refletem e se mantêm na sociedade. Devemos compreender que esse sistema beneficiou economicamente, e por toda a história, a população branca, enquanto a população negra não teve acesso aos direitos básicos e à distribuição de riqueza.

Por isso, o racismo estrutural aparece, por exemplo, quando vemos que a maioria das pessoas negras ga-

nha menos, tem menos acesso à educação de qualidade, é mais abordada pela polícia ou aparece pouco em cargos de poder e na televisão. Por exemplo, de acordo com o estudo “Retrato das desigualdades de gênero e raça” — 2024 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — IPEA), em 2022, a renda das pessoas brancas era em média 87% maior que a das negras. O estudo também revela que as mulheres e os homens negros compõem 80% dos 10% mais pobres da população brasileira, enquanto mulheres e homens brancos perfazem os 20% restantes. Já entre os 10% mais ricos, os brancos estão sobre-representados, totalizando 70%, enquanto mulheres e homens negros perfazem os 30% restantes.

Combater o racismo estrutural significa entender essas injustiças e agir para mudar isso. É reconhecer que o racismo existe, escutar as vozes negras, combater as desigualdades sociais e econômicas, garantir políticas públicas para que todos tenham as mesmas oportunidades e direitos. A prática antirracista é urgente e deve ser cotidiana.



Onde você guarda o seu racismo?

É necessário perceber que o racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. Nem sempre aparece em gestos ou palavras ofensivas, muitas vezes, ele se esconde em silêncios, olhares e atitudes que parecem pequenas, mas machucam. Está nas piadas “inofensivas”, nas escolhas de quem contratamos, nos heróis que admiramos, nas pessoas que raramente vemos em lugares de destaque.

O racismo também se guarda nos currículos escolares que esquecem os grandes nomes negros da história, nas salas de aula, onde a cor da pele ainda define expectativas e oportunidades. Ele se esconde quando fingimos que não existe ou dizemos “somos todos iguais” sem enxergar as desigualdades que o racismo criou.

Mas é possível mudar. O primeiro passo é reconhecer que o racismo está nas estruturas, nas relações e dentro de nós mesmos, nas ideias que aprendemos sem perceber. Para a filósofa e escritora Djamila Ribeiro, em seu livro “Pequeno manual antirracista”, “(...) reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo”. Ela nos alerta ainda que “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre.”

Onde você guarda o seu racismo? É hora de encontrá-lo, encará-lo e escolher ser diferente.





Mulheres que marcaram a nossa história

Ana Maria Gonçalves (1970)
Escritora e dramaturga

A escritora Ana Maria Gonçalves, autora do premiado "Um defeito de cor", considerado um dos mais importantes livros deste século, é a primeira mulher negra a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 128 anos de história.

Além de escritora, Ana Maria é sócia-fundadora da Terreiro Produções, roteirista, dramaturga e professora de escrita criativa. Viveu oito anos nos Estados Unidos, onde publicou contos e ministrou cursos e palestras sobre questões raciais. Também foi escritora residente nas universidades de Tulane (Nova Orleans), Stanford (Califórnia) e Middlebury (Vermont).



Benedita da Silva (1942)
Assistente Social e deputada federal

Ela nasceu em uma favela no Rio de Janeiro, trabalhou como empregada doméstica, formou-se em auxiliar de enfermagem e, depois, em Serviço Social. Sua trajetória é marcada por um forte ativismo social. Ela foi a primeira mulher negra a ser vereadora, deputada federal, senadora, e a primeira governadora negra do Brasil. Hoje, é deputada federal. É uma voz ativa pelos direitos sociais e dos trabalhadores, mulheres e populações negras.



Marielle Franco (1979-2018)
Socióloga, vereadora e ativista

Marielle Franco é símbolo da luta por direitos humanos e seu nome ultrapassou fronteiras e se tornou gigante. Nasceu na Favela da Maré no Rio de Janeiro, socióloga, ativista em defesa dos direitos das mulheres, dos negros, da população LGBTQI+. Foi eleita vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL em 2016 com a quinta maior votação. A sua atuação incomodou poderosos ligados às milícias.

Foi assassinada em 14 de março de 2018, crime que gerou grande comoção nacional e internacional. A sua luta segue inspirando as mulheres do Brasil e de diversas partes do mundo.



Lélia Gonzalez (1935-1994) —
professora, escritora e intelectual

Escritora, pesquisadora, professora, antropóloga, filósofa e ativista. Lélia é reconhecida como uma das mais importantes intelectuais brasileiras, produtora de relevante obra que, ao abordar as raízes da desigualdade social, política e econômica que atinge a população negra, fundamenta o enfrentamento e a resistência aos efeitos dessa desigualdade.

Além de pioneira nos estudos sobre mulheres negras, deixou um importante legado no campo dos estudos da cultura negra e foi uma ativista importante no combate ao racismo.



Tia Eva (1848-1926) — líder comunitária e uma das fundadoras de Campo Grande

Eva Maria de Jesus, conhecida como Tia Eva, foi uma mulher negra e ex-escravizada, alforriada em 1887. Nascida em Mineiros (GO), veio para o antigo estado de Mato Grosso em busca de liberdade e terras para viver com sua comunidade. Em 1905, fundou a Comunidade Quilombola São Benedito, em Campo Grande, tornando-se parte importante da origem e construção da cidade. Com o que ganhou como lavadeira, parteira e benzedeira, comprou um lote de terra, ergueu uma igreja dedicada a São Benedito em cumprimento de uma promessa e deu início à festa anual em homenagem ao santo, tradição que permanece viva na comunidade que hoje leva seu nome.



PEC DA REPARAÇÃO

Um fundo para promover a igualdade racial no Brasil

Está tramitando na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 27/2024, que prevê a criação do Fundo Nacional de Reparação Econômica e de Promoção da Igualdade Racial (FN-REPIR), destinado a ampliar oportunidades e promover a inclusão social da população negra brasileira. A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados já aprovou a tramitação da PEC.

Essa Proposta de Emenda à Constituição é um passo importante rumo ao reconhecimento da dívida histórica do Estado com o povo negro. Com sua

aprovação serão destinados recursos para que negros e negras possam ter mais oportunidades de acesso à Educação, de abrir seus negócios, criar suas indústrias, crescer economicamente, ascender socialmente. "O fundo vai viabilizar recursos para investimentos na educação da primeira infância, bolsas de estudo, melhoria nas escolas e políticas de fomento ao empreendedorismo para a população negra brasileira. Será uma conquista importante", afirma o secretário de Combate ao Racismo da FETEMS, Thiago Coelho Silva.

Justiça começa com reparação

Mobilize a sua escola

O "Movimento reparação já — pela vida do povo negro" é uma campanha nacional organizada pelo movimento negro. A iniciativa busca coletar assinaturas em defesa da aprovação da PEC como instrumento de reparação e reconstrução históricas.

ASSINE AGORA O MANIFESTO!



Aponte a câmera do seu celular para o QR-Code.



Pela primeira vez na sua história, FETEMS tem uma mulher negra na presidência

Ela traz a força da sua ancestralidade negra. Uma mulher de coragem, que conheceu cedo os efeitos da desigualdade, mas também o poder transformador da Educação.

Fez da resistência um caminho, da superação um legado e da sua trajetória, uma inspiração para quem acredita num futuro mais justo e igualitário.

Por onde passou, deixou as marcas da generosidade e da solidariedade. Hoje, é a primeira mulher negra a presidir a FETEMS, maior entidade sindical de Mato Grosso do Sul, com 47 anos de existência.

Deumeires Batista de Sousa Rodrigues de Moraes, 60 anos, vem de uma família negra, de mãos calejadas, da periferia. É filha de uma lavadeira e de um pedreiro que sabiam que o único caminho para mudar o destino de seus filhos era a Educação, por isso, foram os grandes incentivadores dos estudos da família.

Deumeires assumiu com vigor os ensinamentos dos seus pais. Kursou Ciências e Matemática nas Faculdades Integradas de Dracena, no interior de São Paulo. Formou-se em 1986 e, no ano seguinte, veio para Dourados em busca de oportunidades de trabalho. Tinha apenas 21 anos, mas carregava muitos sonhos e uma grande coragem. Ser professora naquela época significava ficar meses sem receber os salários e passar por enormes dificuldades.

Foi com firmeza, solidariedade e fortes vínculos com a comunidade escolar que construiu um legado que inspira. Professora concursada, foi eleita diretora escolar. Reeleita cinco vezes, permaneceu vinte anos à frente da instituição. "Eu não queria ser diretora, mas quando a comunidade te confia a escola, você entende que o trabalho virou missão", afirma Deumeires.

Esse reconhecimento conquistou credibilidade além dos muros da escola e, em 2005, recebeu um chamado: participar da direção da FETEMS, entidade sindical que representa mais de 20 mil trabalhadores em Educação. Foi vice-presidente, secretária-geral, secretária de comunicação e, neste ano, por eleição direta, com 80% dos votos, foi eleita presidente da entidade.

"É um marco. Não é sobre mim, é sobre todas as mulheres e pessoas negras que acham que não podem. Podem, sim" afirma. E complementa: "Sabemos que representatividade importa, porque válida a experiência de pessoas negras, quebra estereótipos e combate o racismo estrutural. Ela oferece modelos para crianças e jovens negras e negros se verem em posições de destaque, fortalece a identidade e a autoestima e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária".



As mulheres negras estão cada vez mais conquistando espaços na Educação, na ciência, na política e em outras áreas do conhecimento. Elas mostram coragem, talento e determinação, enfrentando desigualdades históricas e lutando por justiça e direitos iguais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mulheres negras ganham em média 42% menos que mulheres brancas e 57% menos que homens brancos. Aos poucos, as mulheres negras vão ocupando espaços de liderança e inspirando novas gerações, mas muito ainda precisa ser feito.

Na Educação, apesar das dificuldades, muitas mulheres negras têm se destacado, mostrando que estudo e conhecimento são ferramentas poderosas de transformação. As cotas raciais têm sido fundamentais para aumentar a presença de negros e negras no ensino superior. Em 2022, 55.371 pessoas ingressaram em universidades, faculdades e institutos federais pelo critério étnico-racial, 167% a mais do que em anos anteriores. Essas políticas públicas têm contribuído para democratizar o acesso à Educação e reduzir as desigualdades raciais no Brasil.

As mulheres negras nos lembram que a luta por igualdade é também uma luta por dignidade, respeito e reconhecimento de todos os talentos.

Algumas intelectuais e cientistas negras brasileiras são exemplos desse protagonismo: Djamilia Ribeiro, filósofa, professora e escritora; Sueli Carneiro, escritora e fundadora do Geledés — Instituto da Mulher Negra; Conceição Evaristo, renomada escritora, poeta, contista e pesquisadora; e Jaqueline Goes de Jesus, biomédica e cientista.

Elas mostram que conhecimento, ciência e luta social caminham juntos na construção de uma sociedade mais justa.

Além disso, muitas mulheres negras participam de movimentos sociais que lutam contra a

desigualdade, a violência e o racismo estrutural, como o Julho das Pretas, que promove debates, visibilidade e políticas de igualdade. A participação ativa das mulheres negras na sociedade fortalece a voz de toda a população negra, inspirando orgulho e autoestima.

Ser negra é carregar uma história de resistência, cultura e sabedoria. É celebrar conquistas, superar obstáculos e lutar por um futuro mais justo e igualitário. As mulheres negras nos lembram que a luta por igualdade é também uma luta por dignidade, mais oportunidades, respeito e reconhecimento de todos os talentos.

LEITURA

“Ensinando a Transgredir - A Educação Como Prática da Liberdade” — bell hooks

Em “Ensinando a transgredir”, bell hooks — escritora, professora e intelectual negra insurgente — escreve sobre um novo tipo de educação, a educação como prática da liberdade. Na sua obra, compreendemos a importância da interseccionalidade, ou seja, como diferentes identidades sociais (como raça, gênero, classe, orientação sexual) se cruzam e se sobrepõem, criando experiências de opressão ou privilégio. É um dos raros livros sobre professores e alunos que ousa levantar questões críticas sobre Eros e a raiva, o sofrimento e a reconciliação e o futuro do próprio ensino.



“História pretinha das coisas: as descobertas de Ori” — Bárbara Carine Soares Pinheiro | LF Editorial (Livraria da Física)

Com “História pretinha das coisas: as descobertas de Ori”, fazemos uma viagem à África. De mãos dadas com Ori, uma menina linda, curiosa e encantadora, descobrimos saberes que atravessam o tempo. A cada página, pequenas maravilhas da ciência, da tecnologia e do conhecimento africano são apresentadas, entrelaçando passado e presente.

A narrativa desperta nas crianças o desejo de perguntar, investigar e reconhecer que a ciência tem memória e ancestralidade, e tem suas raízes na África. Um livro que inspira. É para ler alto, para sonhar junto e para semear orgulho nas nossas meninas e meninos.



RAP

Levanta e anda (Emicida)

Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Mas eu sei que vai
Que o sonho te traz coisas que te faz prosseguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Somos maior
Nos basta só
Sonhar, seguir

ATIVIDADE

Com base no trecho do rap “Levanta e anda” (Emicida) e dos seus conhecimentos sobre racismo, desenvolva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: o papel da arte e da cultura, em suas diversas manifestações, no combate ao racismo e às desigualdades raciais.

ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS NAS ESCOLAS



Você sabia que as leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008 tornaram obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras e indígenas nas escolas de nível básico? Essa conquista é fruto de intensas pressões de intelectuais, movimentos negros e indígenas organizados. É o começo de um repensar sobre a importância da cultura dos nossos povos, que foram relegados e, muitas vezes, mantidos invisíveis pela história oficial na formação da sociedade brasileira.

Essas leis são fundamentais para combater o racismo e promover o respeito à diversidade, valorizando as contribuições dos povos afro-brasileiros e indígenas na formação do país. É um caminho para combater os preconceitos, os estereótipos e as desigualdades construídas historicamente.